

## Apresentação da Revista

**César Bolaño e Helena Martins, pela equipe editorial**

A edição atual da Revista Eptic debruça-se sobre um encontro central para sua própria existência: comunicação e marxismo. As novas discussões que resultaram no Dossiê Temático sobre esta dupla ganharam centralidade no processo de reativagem da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), ocorrido em 2022. Ainda que não tenha logrado êxito, como é discutido por Pablo Nabarrete Bastos e Manoel Dourado Bastos na apresentação do dossiê que ambos organizam, tal processo evidenciou o crescente interesse de pesquisadores e pesquisadoras pelo marxismo, e, por outro lado, os entraves institucionais que fazem desta uma abordagem teórica contra-hegemônica.

A questão, para além do processo específico, reacendeu, entre nós, a reflexão sobre a disputa epistemológica como parte da disputa política. Um tema que, desde outras vertentes teóricas, como a perspectiva decolonial, atualmente tem sido objeto de discussões importantes que vinculam a produção teórica à dominação social. Como analisa Quijano (2005), a expansão europeia está fundada não apenas na generalização da forma mercadoria, mas ainda numa epistemologia fundamentada no conceito de raça, que torna “o outro” da cultura ocidental um objeto, justificando a sua escravização, ou a sua redução à servidão, em nome da missão civilizadora da Europa e seu projeto modernizador.



Creative Commons



Atribuição



Não Comercial



Compartilhe Igual



Desde o materialismo histórico, a associação entre pensamento e projeto de sociedade sempre tem sido uma preocupação, não à toa uma das contribuições de Marx em tal arena foi tecer a crítica da realidade e do pensamento que a explica, produzindo o “concreto pensado”. Diferente do que perspectivas de cunho essencialistas apontam (como as que fixam o marxismo como europeu e, portanto, produto da modernidade a ser combatido), essa preocupação se fez presente no movimento operário e em sua teorização, que buscou “escovar a história a contrapelo”, como reivindicou Walter Benjamin ([1940]1996).

Desde Marx, a mirada profundamente dialética voltou-se não à produção de uma teoria homogeneizante, mas à análise que compreende os processos mais gerais e suas particularidades. “O esforço de Marx visa a manter os dois aspectos: emancipar-se da abstração da História universal (do ‘universal que paira’) sem cair no caos insensato das singularidades absolutas (daquilo ‘que só acontece uma vez’); e sem recorrer ao curinga do progresso”, sintetiza Daniel Bensaid (1999, p. 96). Na América Latina, essa busca animou teóricos e militantes como o peruano José Carlos Mariátegui (2008), que afirmava: “meu pensamento e minha vida constituem uma única coisa, um único processo”. Mobilizando o marxismo a partir da realidade peruana, pautou a elaboração do que apresenta como socialismo indo-americano, no qual têm destaque as populações indígenas.

Diversos autores que ajudaram, inclusive, a constituir o campo da Comunicação, em toda a América Latina, beberam direta ou indiretamente do materialismo dialético e das questões apresentadas nas lutas pela libertação dos países do jugo imperialista e das ditaduras locais. A Economia Política da Comunicação (EPC) desenvolvida aqui no Brasil é parte dessa história, buscando contribuir para a compreensão de uma realidade em que a comunicação se faz cada vez mais central e para a formulação de políticas democratizantes no setor. Essa história é retratada no livro *Campo Aberto*, em que Bolaño (2016) aponta que nesse campo não é possível falar em paradigmas, mas sim em programas de investigação que travam disputas epistemológicas e políticas.

Ocorre que a compreensão do mundo não basta. “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*”, escreve Marx nas famosas Teses sobre Feuerbach, em 1845. Dessa disposição de se fazer instrumento de luta, teoria revolucionária para ação revolucionária, como tantas vezes repetiu Lenin, deriva o necessário rigor conceitual de quem busca realmente compreender a realidade, indo além da aparência e das categorias que ocultam as determinações gerais. Por outro, ir de encontro e denunciar a perspectiva de internalização da ciência à própria dinâmica do capital traz consequências, como o constante silenciamento por parte do *mainstream*. No caso do marxismo, em geral, como uma teoria profundamente associada à crítica e à tentativa de transformação do

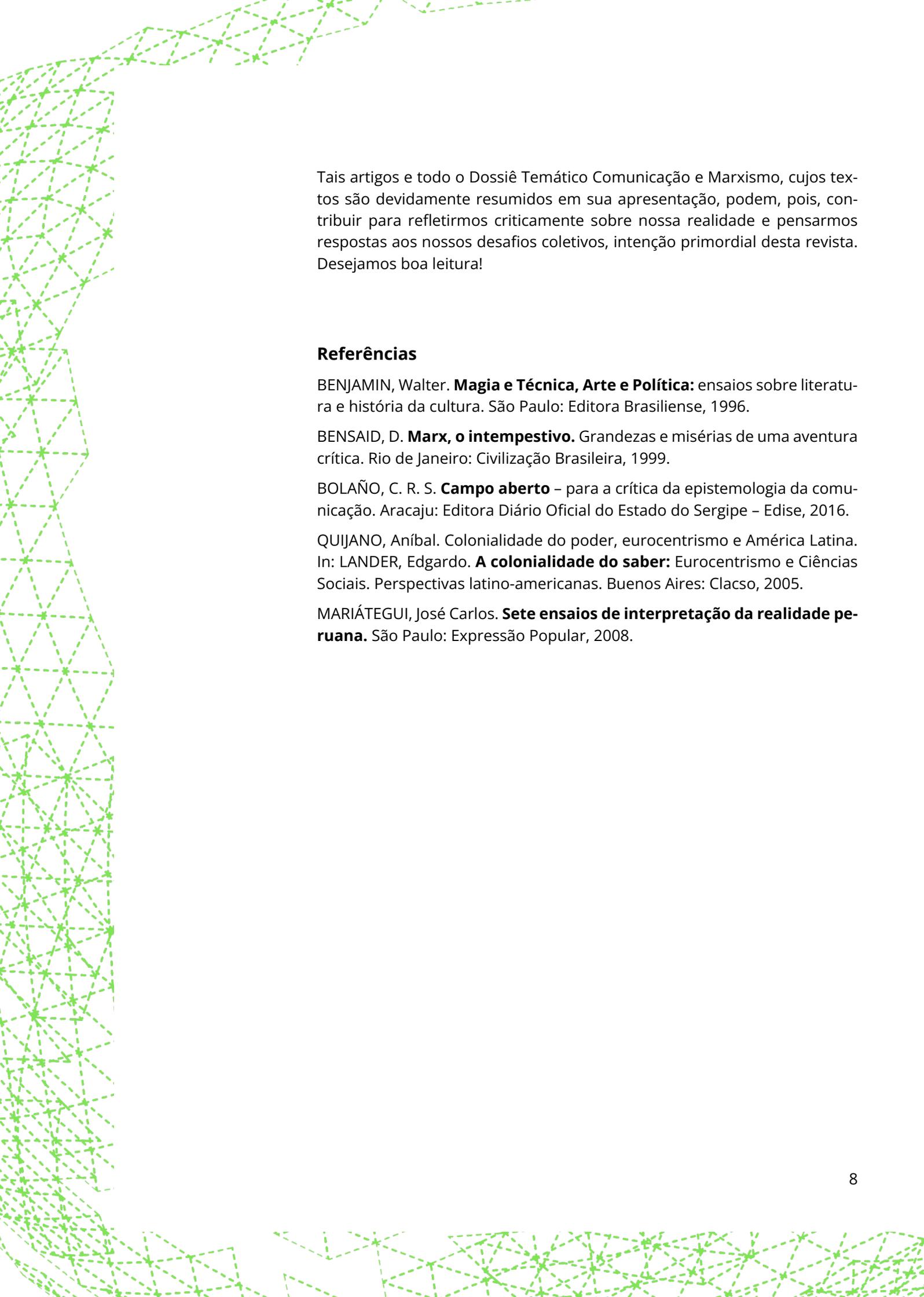


mundo, em seus quase 200 anos de história, tem sido objeto de ataques, inclusive por meio de violências explícitas, como na época do macarthismo nos Estados Unidos ou durante as ditaduras latino-americanas. Outras formas mais sutis de apagamento se apresentam também em relação às tentativas de desdobramento em diversas áreas, como na Comunicação. Basta olhar as coletâneas sobre as teorias da comunicação para o comprovar.

A crítica radical à dimensão política da epistemologia é fundamental para pensarmos o passado, o presente e o futuro das teorias e das lutas sociais. Os trabalhos aqui apresentados são exemplos disso. Na seção Artigos e Ensaaios, Fernanda Ramos da Silva e Pablo Nabarrete Bastos discutem *O apoio sistemático da mídia hegemônica ao aparato coercitivo do Estado a partir da cobertura do Jornal Nacional sobre a intervenção federal de 2018*. Apontam a colaboração da imprensa hegemônica com a defesa da ampliação do aparato coercitivo do Estado brasileiro. Tema urgente tendo em vista os frequentes assassinatos em estados como Rio de Janeiro, Bahia e Ceará, diante dos quais o recrudescimento da força por meio de novas intervenções é apresentado como saída. O texto nos ajuda a discutir o posicionamento da mídia não só no contexto nacional, mas também na própria cobertura que acompanhamos, neste momento, sobre o conflito entre Israel e Palestina, com narrativas que naturalizam ou ocultam a agressão histórica contra palestinos e chegam a justificar as operações de extermínio deles.

Dado seu papel na promoção de ideologias e suas implicações políticas, a história da comunicação é também permeada por disputas. O artigo *“Irradiações alienígenas” em ondas curtas: como emissoras de rádio de países socialistas cobriam o Brasil durante a Guerra Fria*, de Octavio Penna Pieranti e Flavio Ferreira Lima, apresenta uma abordagem original ao mapear a presença de emissoras da União Soviética, de Cuba e outros países vistos como ameaças ao regime ditatorial no território brasileiro, particularmente na Amazônia, o que levou a ditadura militar a criar a Radiobrás e a Rádio Nacional da Amazônia como forma de se contrapor àquelas emissoras.

Ainda na referida seção, Florence Dravet, Alberto Marques, Beatriz Chaves e Maira Sardinha apresentam o estudo bibliográfico *A constituição do campo de pesquisa da Economia Criativa no âmbito internacional*, que contribui para visualizarmos como a academia tem internalizado a perspectiva dos países anglo-saxônicos que buscam na “economia criativa” uma política de valorização econômica do setor cultural e sua ampliação para outros setores criativos, dentro da perspectiva de ampliação da mercantilização da cultura. Os autores apontam, diante disso, questionamentos sobre as possibilidades de outras perspectivas emergirem de países com outras configurações socioeconômicas, caso do Brasil. Aqui, cumpre ressaltar, também a EPC e os estudos sobre políticas culturais têm se debruçado sobre o tema, problematizando a questão da criatividade como parte da afirmação da soberania.



Tais artigos e todo o Dossiê Temático Comunicação e Marxismo, cujos textos são devidamente resumidos em sua apresentação, podem, pois, contribuir para refletirmos criticamente sobre nossa realidade e pensarmos respostas aos nossos desafios coletivos, intenção primordial desta revista. Desejamos boa leitura!

### Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENSAID, D. **Marx, o intempestivo**. Grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOLAÑO, C. R. S. **Campo aberto** – para a crítica da epistemologia da comunicação. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado do Sergipe – Edise, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.